

CINEMA MALDITO



UM PANORAMA HISTÓRIO E SOCIAL
DO CINEMA DE HORROR BRASILEIRO

SUMARIO



BELO
VIA
POR
POR
MOTA

SUMARIO.....	01
EDITORIAL.....	02
PAVORAMA DO TERROR NACIONAL.....	03
A MEIA NOITE LEVAREI SUA ALMA.....	05
EXCITAÇÃO.....	07
AMERICANIZAR.....	08
MANGUE NEGRO.....	09
A MULHER E SEUS ESTEREOTIPOS NO CINEMA DE HORROR BRASILEIRO.....	11
MORTO NAO FALA.....	13
CIDAOE INVISIVEL.....	14
BIBLIOGRAFIA.....	15



EDITORIAL

O HORROR É UM GÊNERO QUE DIALOGA DIRETAMENTE COM OS NOSSOS MEDOS MAIS PROFUNDOS, SEJAM ELES RELACIONADOS AO REAL OU SUBCONSCIENTE. AO OBSERVARMOS O CINEMA DE HORROR BRASILEIRO, PERCEBEMOS QUE ELE VAI MUITO ALÉM DISSO: O MEDO SE TORNA UMA FERRAMENTA PARA TRATAR DOS CONFLITOS E TENSÕES SOCIAIS, IDENTIDADE E CULTURA NACIONAL.

A EDIÇÃO CONVIDA O LEITOR A CONHECER E EXPLORAR COMO O CINEMA NACIONAL DE HORROR TRADUZ AS INQUIETAÇÕES BRASILEIRAS E TAMBÉM O SEU FOLCLORE E TRADIÇÕES POPULARES EM LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA. A NOSSA SOCIEDADE É REFLETIDA NO GÊNERO DE FORMA GROTESCA, PORÉM REAL, EM CADA OBRA, CADA PERSONAGEM E CADA NARRATIVA TRAZENDO CONSIGO UM POUCO DAS AFLIÇÕES DO IMAGINÁRIO COLETIVO E OS CONFLITOS DO PAÍS.

POR MAIS QUE AINDA MARGINALIZADO E PORTANTO MAL EXPLORADO, AS PRODUÇÕES DO GÊNERO POSSUEM UMA GRANDE RIQUEZA DE TRAMAS. NESSE SENTIDO, AQUI APRESENTAREMOS DIVERSOS EXEMPLOS DE FILMES QUE REPRESENTAM ESSENCIALMENTE O QUE É O CINEMA DE HORROR BRASILEIRO, AFIM DE FAMILIARIZAR O LEITOR AO GÊNERO. MAIS DO QUE ASSUSTAR OU PROVOCAR REAÇÕES, O HORROR BRASILEIRO NOS CONVIDA A OLHAR PARA DENTRO E REFLETIRMOS SOBRE O QUE SOMOS E TEMEMOS. BOA LEITURA!





PANORAMA DO TERROR NACIONAL

MUITO SINGULAR E RICO EM CONTEÚDO, O GÊNERO DE TERROR, TAMBÉM CONHECIDO COMO HORROR, TEM SUA MELHOR REPRESENTAÇÃO NO CINEMA A PARTIR DO SÉCULO XX, INFLUENCIADO POR REFERÊNCIAS DA DRAMATURGIA, LITERATURA, JORNALISMO ETC. A COMPREENSÃO DO GÊNERO HORROR ENFRENTA ALGUNS OBSTÁCULOS, ENTRE OS QUAIS SE DESTACA SUA CONSTANTE TENDÊNCIA À TRANSFORMAÇÃO, IMPULSIONADA PELA BUSCA INCESSANTE POR CHOQUE E INOVAÇÃO. SOMA-SE A ISSO A RESISTÊNCIA DA CRÍTICA EM DESENVOLVER UM VOCABULÁRIO MAIS SISTEMATIZADO PARA ABORDAR O GÊNERO, MUITAS VEZES RESULTADO DO PRECONCEITO QUE AINDA O CERCA, SENDO FREQUENTEMENTE VISTO COMO UMA FORMA DE ENTRETENIMENTO DE BAIXO VALOR INTELECTUAL. DAVID RUSSELL (1998, P. 233)

NO BRASIL, O GÊNERO CINEMATOGRAFICO TEM INÍCIO NO QUE É DEFINIDO COMO "ANTES DO HORROR"- MOMENTO EM QUE OBRAS COM TEMÁTICAS DE CRIME E VIOLÊNCIA SENSACIONALISTA - NESTE SE INCLUEM AS PRODUÇÕES MUDAS CRIMINAIS, AS COMÉDIAS MUSICAIS SOBRENATURAIS E OS DRAMAS DE SUSPENSE E MISTÉRIO.

É NA DÉCADA DE 1960, QUE FINALMENTE A EXPRESSÃO TERROR É UTILIZADA NO BRASIL. ESTE TAMBÉM FOI O PERÍODO DE ÁPICE DO GÊNERO. A CHAMADA "ERA DE OURO" DO CINEMA DE HORROR BRASILEIRO OCORREU ENTRE 1963 E 1983,

MARCADA PELA DIVERSIDADE ENTRE PRODUÇÕES AUTORAIS E FILMES DE HORROR COM FORTE APELO ERÓTICO, ESPECIALMENTE EM SÃO PAULO E NO RIO DE JANEIRO.

É INDISPENSÁVEL FALAR SOBRE O PIONEIRO JOSÉ MOJICA MARINS, O ZÉ DO CAIXÃO. O JOVEM CINEASTA PAULISTANO JOSÉ MOJICA MARINS, SEM VÍNCULO COM OS MOVIMENTOS CINEMATOGRAFICOS DA ÉPOCA, GANHOU NOTORIEDADE EM 1964 COM A MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA, SEU PRIMEIRO FILME DE HORROR, NO QUAL CRIOU O ICÔNICO PERSONAGEM ZÉ DO CAIXÃO, UM COVEIRO PSICOPATA OBCECADO PELO "FILHO PERFEITO" E PELO DESAFIO ÀS FORÇAS SOBRENATURAIS. A HISTÓRIA DO COVEIRO QUE DESAFIAVA DEUS E ACABAVA ASSOMBRADO POR ALMAS PENADAS CONQUISTOU O PÚBLICO TANTO POR SUA ORIGINALIDADE E OUSADIA ESTÉTICA QUANTO PELA FORMA IRREVERENTE COM QUE DIALOGAVA COM A CULTURA POPULAR. NOS ANOS 1960, MOJICA DIRIGIRIA OUTRAS PRODUÇÕES DE GRANDE REPERCUSSÃO, ALÉM DE SE TORNAR UM ROSTO CONHECIDO DA TELEVISÃO E UMA DAS FIGURAS MAIS EMBLEMÁTICAS DO CINEMA BRASILEIRO.



A DÉCADA DE 1980 FOI MARCADA PELO DECLÍNIO DOS MODELOS DE PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA QUE HAVIAM SE CONSOLIDADO NO BRASIL NOS ANOS ANTERIORES. A GRAVE CRISE ECONÔMICA E O AVANÇO DA INFLAÇÃO NÃO SÓ ELEVARAM OS CUSTOS DE PRODUÇÃO, COMO TAMBÉM CONTRIBUÍRAM PARA O AFASTAMENTO DO PÚBLICO DAS SALAS DE CINEMA. ISSO IMPACTOU FORTEMENTE O HORROR, FICANDO MARCADO COMO UM PERÍODO POUCO PRODUTIVO COM FILMES DISPERSOS E SEM FOCO EM UM PÚBLICO ESPECÍFICO, DESTACANDO-SE APENAS AS COMÉDIAS DE HORROR DE IVAN CARDOSO, QUE ALCANÇARAM SUCESSO DE PÚBLICO E CRÍTICA, ALÉM DE PARTICIPAÇÃO EM FESTIVAIS INTERNACIONAIS.

EM 1993, A ASSINATURA DA LEI DO AUDIOVISUAL POR ITAMAR FRANCO IMPULSIONOU A RETOMADA DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA NO BRASIL, CONHECIDA COMO CINEMA DE RETOMADA, MARCADA PELA DIVERSIDADE TEMÁTICA, O SURGIMENTO DE NOVOS DIRETORES, O FORTALECIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DAS GRANDES EMISSORAS E A BUSCA POR PADRÕES DE PRODUÇÃO MAIS PRÓXIMOS DOS MODELOS HOLLYWOODIANOS. APESAR DO CRESCIMENTO DE GÊNEROS COMO COMÉDIA, ROAD-MOVIE E POLICIAL, O HORROR PERMANECIU PRATICAMENTE AUSENTE DAS GRANDES PRODUÇÕES, AINDA ASSIM OBSERVAMOS ESSA DIVERSIDADE DE TEMÁTICAS SENDO EXPLORADAS: SERIAL-KILLERS, LOBISOMENS, FANTASIAS ESPÍRITAS E A RETOMADA DE ZÉ DO CAIXÃO APÓS MAIS DE 40 ANOS. TENDO EM VISTA ESSA TRAJETÓRIA, OBSERVA-SE QUE A PREDOMINÂNCIA DE OBRAS ORIGINAIS NO CINEMA BRASILEIRO, MESMO QUANDO ADAPTADAS, REVELA UMA FACETA DISTINTIVA: A APOSTA NO DESCONHECIDO. ESSA CARACTERÍSTICA, EMBORA DESAFIE O COMPORTAMENTO DO PÚBLICO HABITUADO AO PREVISÍVEL, CONSAGRA O FILME DE GÊNERO NACIONAL COMO UM CINEMA AUTORAL. É UM PARADOXO INTRIGANTE. AO INVÉS DA REPETIÇÃO ESPERADA DOS ELEMENTOS DE GÊNERO, O QUE SE OBSERVA É UMA CONSTANTE REINVENÇÃO E REDEFINIÇÃO, QUEBRANDO A SUPRESSÃO DA INDIVIDUALIDADE E ELEVANDO A ORIGINALIDADE COMO UM DIFERENCIAL MARCANTE DA NÓSSA CINEMATOGRAFIA.



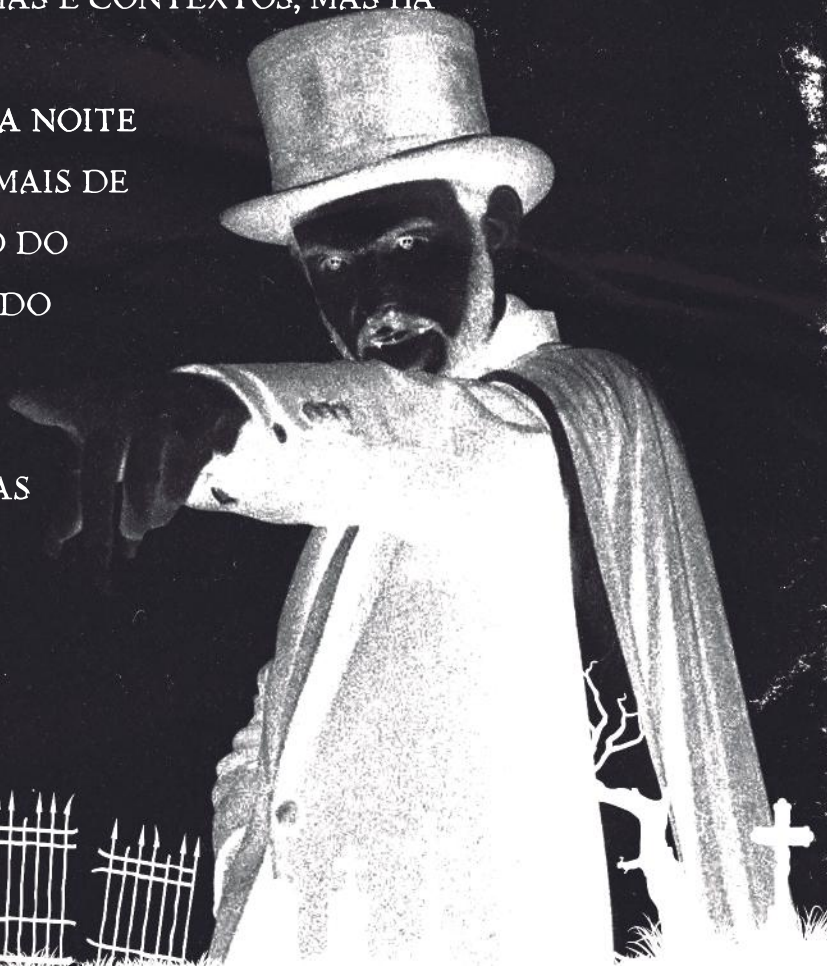
O PRIMEIRO LONGA DO MESTRE JOSÉ MOJICA MARINS É CONSIDERADO O MARCO INAUGURAL DO TERROR BRASILEIRO. MESMO QUE OUTRAS OBRAS ANTERIORES TENHAM INTRODUZIDO ELEMENTOS SOBRENATURAIS OU DE SUSPENSE, FOI “À MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA” QUE TROUXE A AUTOCONSCIÊNCIA DO GÊNERO, SEJA PELA TRAMA, AMBIENTAÇÃO OU PELA PRÓPRIA VIOLÊNCIA GRÁFICA. SOMOS APRESENTADOS PELA PRIMEIRA VEZ À FIGURA MAIS EMBLEMÁTICA DO HORROR NACIONAL, ZÉ DO CAIXÃO, INTERPRETADO PELO PRÓPRIO MOJICA E QUE LOGO PASSARIA A SOBREPOR O NOME DO DIRETOR NA CULTURA POPULAR. ZÉ É UM COVEIRO ATEU QUE ESBANJA SUPERIORIDADE E ABOMINA QUALQUER TIPO DE RELIGIOSIDADE. PARA ELE, O SENTIDO DA EXISTÊNCIA É A “CONTINUIDADE DO SANGUE”, E EM SUA OBSESSIVA BÚSCA DE UMA “MULHER PERFEITA” PARA GERAR SEU FILHO, DERRAME O SANGUE DE INÚMEROS INOCENTES. É INTERESSANTE LEMBRAR QUE O CINEASTA MESMO SE CONSIDERAVA UM “CRISTÃO NÃO PRATICANTE”.





O LONGA É MARCADO PELO CONFLITO RELIGIÃO X RAZÃO, SEM LEVAR A CONCLUSÕES ÓBVIAS. PRECURSOR DO CINEMA MARGINAL DE BAIXO ORÇAMENTO E MUITA CRIATIVIDADE E AMPLAMENTE ADMIRADO PELOS "CINEMANOVISTAS", INCLUSIVE GLAUBER ROCHA. SOFREU COM A CENSURA E PERSEGUIÇÃO DA DITADURA MILITAR, ASSIM COMO TODO O RESTANTE DA OBRA DE MOJICA. CHEGOU A SER PRESO AO TENTAR LIBERAR SEU FILME "O DESPERTAR DA BESTA" EM 1969, QUE TRATAVA DO TEOR ALUCINÓGENO DO LSD.

ZÉ DO CAIXÃO TORNA-SE UMA FIGURA RECORRENTE EM SUA FILMOGRAFIA, APARECENDO NAS MAIS DIVERSAS FORMAS E CONTEXTOS, MAS HÁ DUAS CONTINUAÇÕES CANÔNICAS DE "À MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA". "ESTA NOITE ENCARNAREI NO TEU CADÁVER" (1967) E, MAIS DE QUARENTA ANOS DEPOIS, "ENCARNAÇÃO DO DEMÔNIO" (2008). NESTE ÚLTIMO, A SAGA DO PERSONAGEM SE FECHA. ZÉ DO CAIXÃO MORRE, MAS DEIXA INÚMEROS HERDEIROS NO VENTRE DAS SEGUIDORAS DE SEU "CULTO".





EXCITACAO

EXPOENTE DAS PORNOCHANCADAS DA “BOCA DO LIXO” EM SÃO PAULO, “EXCITAÇÃO” HOJE É RESSIGNIFICADO COM GRANDE APRECIACÃO. O FILME ACOMPANHA UM CASAL QUE SE MUDA PARA UMA CASA NA PRAIA, AFASTADA DA CIDADE, APÓS A ESPOSA SOFRER UM COLAPSO NERVOSO. O DETALHE É QUE A CASA FOI CENA DO SUICÍDIO DO ÚLTIMO MORADOR. ENQUANTO O MARIDO SAI, A MULHER SE VÊ NUM EMBATE COM O REAL E IRREAL, NUMA CRESCENTE DE PARANOIA INTENSIFICADA PELA “VIDA PRÓPRIA” DOS ELETRODOMÉSTICOS DO LOCAL. AS CENAS ERÓTICAS AQUI SÃO APENAS ACESSÓRIOS NA CONSTRUÇÃO MINUCIOSA DO HORROR PSICOLÓGICO DA PROTAGONISTA. O FILME, À FRENTE DE SEU TEMPO, AINDA ADICIONA ELEMENTOS MODERNOS DE FICÇÃO CIENTÍFICA E SURPREENDE NO DESFECHO, ATÉ HOJE. MESMO COM O BAIXO ORÇAMENTO E CAPACIDADE TÉCNICA INERENTES ÀS PRODUÇÕES DA BOCA, GEAN GARRET DEMONSTRA EXTREMA SOFISTICAÇÃO DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL.



AMERICANIZAR

SHOCK

DOIS CASOS INTERESSANTES DE ANÁLISE. A COMEÇAR POR SHOCK (1984), CONSIDERADO O PRIMEIRO SLASHER BRASILEIRO. O FILME ESBANJA A ATMOSFERA OITENTISTA BRASILEIRA QUE, POR MAIS INFLUENCIADA QUE SEJA PELA CULTURA POPULAR ESTRANGEIRA DA ÉPOCA, É ESSENCIALMENTE BRASILEIRA. UM GRUPO DE JOVENS FICA PRESO NUMA CASA APÓS UMA NOITE DE FESTA, QUANDO ALGUNS CORPOS DENUNCIAM A PRESENÇA DE UM ASSASSINO NO LOCAL. AS MORTES SÃO POUCO GRÁFICAS, MAS A CRIATIVIDADE É ALTA. O ASSASSINO MISTERIOSO É IDENTIFICADO APENAS PELAS SUAS BOTAS DE COURO BRILHANTES E SEU ASSOBIO MEDONHO, ENQUANTO CAMINHA PELO RECINTO. O FILME INTEIRO SE PASSA NUMA MESMA LOCAÇÃO, ESTREITANDO AS RELAÇÕES DOS JOVENS DESVAIRADOS. DENTRE CLICHÊS CLÁSSICOS DO CINEMA SLASHER, UMA SUBVERSÃO CHAMA A ATENÇÃO. A “MOCINHA VIRGEM” É UMA DAS PRIMEIRAS VÍTIMAS, ENQUANTO A MAIS ESPERTA E SEXUALMENTE ATIVA SOBREVIVE. DESTAQUE TAMBÉM PARA AS GÍRIAS “CHOCANTES”

RITUAL OF DEATH

OTÍTILO ORIGINAL É ASSIM MESMO, EM INGLÊS. O FILME, INTEIRAMENTE GRAVADO NO BRASIL, COM EQUIPE E ELÊNCO BRASILEIRO, É FALADO EM INGLÊS. SÃO POUCAS AS PRODUÇÕES DE HORROR QUE REPRESENTAM A PRODUÇÃO BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1990. NUM MOMENTO DE DESMONTE E CRISE DO CINEMA NACIONAL, O DIRETOR FAUZI MANSUR (EXPOENTE TAMBÉM DA PORNOCHANCHADA) LIDERA VÁRIAS PRODUÇÕES DE HORROR “B” DE BAIXO ORÇAMENTO PARA EXPORTAÇÃO, LANÇADAS APENAS NO EXTERIOR, EM VHS. APESAR DAS ESCASSAS INFORMAÇÕES, PARECE QUE O PLANO FOI BEM SUCEDIDO. TALVEZ ATÉ PELO CARÁTER “LATINO EXCÊNTRICO”, POR MAIS QUE A OBRA BUSQUE CERTA “ALOCALIDADE”. A NACIONALIDADE OU O LOCAL DA HISTÓRIA NÃO SÃO MENCIONADOS. A TRAMA CONSISTE EM UM GRUPO DE ATORES DE TEATRO QUE ROUBA UM LIVRO CONTENDO RITUAIS ANCESTRAIS, DE ORIGEM EGÍPCIA/ÍNDIGENA. DAÍ PRA FRENTE O SHOW DE “NOJEIRA” E SANGUINOLÊNCIA VAI FUNDO. CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DO SUBGÊNERO SPLATTER. LOTADO DE CLICHÊS E ESTEREÓTIPOS, O FILME SE DESTACA PELOS ÓTIMOS EFEITOS PRÁTICOS E CARÁTER GORE.

MANGUE NEGRO

NUM PACATO VILAREJO CERCADO POR MANGUEZAIS APODRECIDOS, OS MORTOS MISTERIOSAMENTE VOLTAM À VIDA. ISOLADOS PELO LAMAÇAL E PERSEGUIDOS POR HORRORES DO OUTRO MUNDO, OS MORADORES ENFRENTAM UMA ONDA DE ZUMBIS COBERTA DE SANGUE, LAMA E LIXO.

O LONGA-METRAGEM DE ESTREIA DE RODRIGO ARAGÃO, MANGUE NEGRO (2008), É UM MERGULHO GROTESCO NO TERROR BRASILEIRO QUE REALIZA O INIMAGINÁVEL: UM FILME DE GÊNERO PRODUZIDO FORA DOS GRANDES CENTROS, DE FORMA TOTALMENTE INDEPENDENTE, QUE INCORPORA PERSONAGENS E RITOS DA CULTURA POPULAR ENQUANTO TECE CRÍTICAS ÁCIDAS À EXCLUSÃO SOCIAL E À DEGRADAÇÃO AMBIENTAL ENFRENTADA PELOS POVOS RIBEIRINHOS.

POLÍTICO EM SUA ESSÊNCIA, VISCERAL EM SUA ESTÉTICA, MANGUE NEGRO É TANTO DENÚNCIA QUANTO HOMENAGEM: UMA CARTA DE AMOR AO TERROR FEITO À MÃO, SUJO, PULSANTE E, PRINCIPALMENTE, TRASH. COM ELE, RODRIGO INAUGURA UM UNIVERSO ONDE O APOCALIPSE BROTA DA LAMA – E CHEIRA À MORTE.

O MANGUE RETRATADO NO FILME NÃO VEIO EM VÃO, RODRIGO ARAGÃO, QUE TAMBÉM ROTEIRIZOU O PROJETO, NASCEU E FOI CRIADO ATÉ OS DEZ ANOS DE IDADE FOI CRIADO NELE. ESSA CRIAÇÃO FOI IMPORTANTE PARA A EXISTÊNCIA DO FILME POIS RODRIGO, DESDE SEMPRE FISSURADO POR FILMES DE TERROR, NUNCA DE FATO DE VIA E CONECTAVA COM AS HISTÓRIAS DELES, DEVIDO SUA REALIDADE SER COMPLETAMENTE DIFERENTE (E ÀS VEZES ATÉ MAIS ASSUSTADORA) DO QUE A

RETRATADA PELO CINEMA POPULAR. MUITOS ANOS DEPOIS, A IDEIA DE CONTAR UMA HISTÓRIA DE TERROR DAS MAIS SANGUINOLENTAS E REPUGNANTES, MAS, AO MESMO TEMPO RETRATANDO SEU LUGAR DE NASCENÇA, AS PESSOAS COM QUEM INTERAGIA, SUAS MANIAS, GÍRIAS E CRENDICES TOMAVA FORMA.



FINALMENTE RETORNANDO AO MANGUE DEPOIS DE MAIS DE 15 ANOS AFASTADO RODRIGO SE DEPAROU COM A TRISTE REALIDADE DE QUE O MANGUE COMO ELE SE LEMBRAVA NÃO EXISTIA MAIS, ELE HAVIA SIDO TOMADO PELA EXPANSÃO URBANA E, PRINCIPALMENTE, DESCARTE INDEVIDO DE LIXO VINDOS DOS BAIRROS MAIS RICOS DA CIDADE. APESAR DO BAQUE, A HISTÓRIA E TODO SONHO DO DIRETOR NÃO PODERIAM SER DESCARTADOS, COM ISSO, ESSAS CRESCENTES CRISÉS ENFRENTADAS PELO BIOMA FORAM ABSORVIDAS PELA NARRATIVA AGREGANDO UMA PEÇADA CRÍTICA AO DESCASO DO ESTADO E DAS ELITES COM O MEIO-AMBIENTE E COM OS POVOS RIBEIRINHOS DE BAIXA RENDA E RODRIGO NÃO FALHA NEM POR UM SEGUNDO EM DEIXAR CLARO QUE ELES UMA HORA OU OUTRA, VIVOS OU MORTOS, IRÃO REVIDAR. DESSA FORMA, PODE-SE INCLUIR O FILME EM UMA IMPORTANTE

VERTENTE CINEMATOGRAFICA QUE MISTURA HORROR, SÁTIRA E CRÍTICA AMBIENTAL – COMPONDO O QUE ESTUDIOSOS COMO SCOTT MACDONALD CHAMARIAM DE ECOCINEMA: UM CINEMA QUE “RECONHECE E RESPONDE À CRISE ECOLÓGICA CONTEMPORÂNEA” (MACDONALD, 2004).

ALÉM DA SUA TEMÁTICA, OUTRA COISA QUE COLOCA “MANGUE NEGRO” NO HALL DA FAMA DOS FILMES CULTS DE TERROR NACIONAL É SUA PRODUÇÃO. GRAVADO DE 2005 A 2008 APENAS DURANTE OS FINAIS DE SEMANAS, RODRIGO RELATA O QUÃO DIFÍCIL FOI SEGUIR COM O PROJETO DADO AO BAIXÍSSIMO ORÇAMENTO QUE MAL CUSTEAVA A EQUIPE E O ELENCO, QUE POR VEZES FALTAVAM OU ATÉ ABANDONAM O PROJETO NO MEIO DO CAMINHO. O FILME SÓ FOI POSSÍVEL DADO A UMA LÓGICA DE PRODUÇÃO ARTESANAL, ONDE O DIRETOR TAMBÉM ASSUMIU FUNÇÕES COMO MAQUIAGEM, EFEITOS ESPECIAIS, MONTAGEM, VFX E ATÉ A DE CINEGRAFISTA QUANDO O OPERADOR DE CÂMERA FALTOU. ESSE MODO DE PRODUÇÃO REMETE AO CONCEITO DE “CINEMA DE BORDA” (RAMOS, 2008), QUE DEFINE OBRAS FEITAS FORA DO EIXO INSTITUCIONALIZADO DO AUDIOVISUAL BRASILEIRO. APESAR DA QUANTIDADE DE PROBLEMAS, O FILME SÓ CONTINUOU A EXISTIR DEVIDO UMA IMPORTANTE VIRADA DE CHAVE VINDA COM A VIRADA DO SÉCULO, A DEMOCRATIZAÇÃO DO DIGITAL. ANTES, MESMO FILMES DE BAIXO ORÇAMENTO OS PRODUTORES TINHAM QUE SE PREOCUPAR COM MUITOS MAIS GASTOS MATERIAIS E LOGÍSTICOS PARA FAZEREM SEUS FILMES ACONTECER, O QUE MUITAS VEZES INVIABILIZAVA OU SIMPLIFICAVA IDEIAS. O PRIMEIRO LONGA DE RODRIGO, GRAVADO EM APENAS 480P POR UMA HANDYCAM PESSOAL E EDITADO EM SEU PRÓPRIO COMPUTADOR, COM O ORÇAMENTO TOTAL DE APENAS 50 MIL REAIS, É UM RESPIRO DE AR FRESCO QUE PROVA COMO A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA PODE (E DEVE) SER MAIS DEMOCRÁTICA E DESCENTRALIZADA, PARA QUE SEJA POSSÍVEL TERMOS ACESSO A NOVAS HISTÓRIAS E VISÕES DE TODOS OS CANTOS MAIS DIFERENTES DO BRASIL.



A MULHER E SEUS ESTEREÓTIPOS NO CINEMA DE HORROR BRASILEIRO

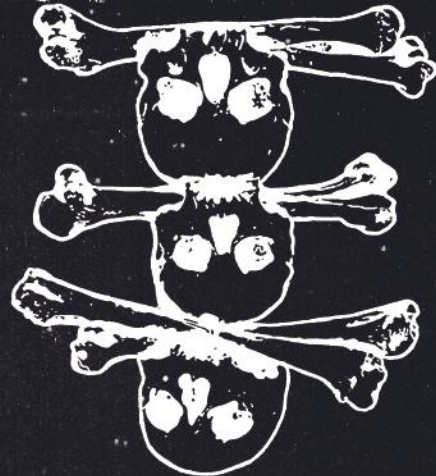
VEMOS ELA COMO A FIGURA DA MULHER HISTÉRICA EM CONTRAPONTO COM A FIGURA DO HOMEM RACIONAL. OU A FIGURA FEMININA RETRATADA COMO A MULHER "MONSTRUOSA", OU SEJA, AQUELA QUE NÃO SE ENCAIXA NO LUGAR PREVIAMENTE ESTABELECIDO AO SEXO FEMININO: MULHERES FORTES, MULHER COM SEXUALIDADE, MULHERES QUE REJEITAM A MATERNIDADE, MULHERES COM DESEJOS JÁ SÃO VISTA COMO MONSTRUOSA. NO HORROR BRASILEIRO, ESSAS IMAGENS NÃO APENAS SE REPETEM, MAS GANHAM CAMADAS TROPICAIS, URBANAS E PROFUNDAMENTE SOCIAIS. O FEMININO É TENSIONADO ENTRE O DESEJO DE LIBERDADE E A PRISÃO DAS ESTRUTURAS PATRIARCAIS.

NO CLÁSSICO DE JOSÉ MOJICA MARINS, À MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA (1964), A MULHER É INSTRUMENTO E OBSTÁCULO AO DESEJO DO PERSONAGEM ZÉ DO CAIXÃO, QUE BUSCA UMA MULHER "PERFEITA" PARA GERAR SEU FILHO IMORTAL. AQUI, A MULHER APARECE COMO RECIPIENTE, LIGADA AO ÚTERO E À PUREZA. AS QUE NÃO SE ENCAIXAM SÃO PUNIDAS OU DESCARTADAS, AS MULHERES "MONSTRUOSAS" QUE POSSUEM DESEJOS, VONTADE PRÓPRIA.

MAS O QUE ACONTECE QUANDO UMA MULHER DIRIGE ESSE OLHAR?
O QUE ACONTECE QUANDO ELA TOMA A CÂMERA NAS MÃOS
VIRA A LENTE CONTRA O QUE ANTES SÓ A OLHAVA?



NO MUSICAL DE HORROR CÔMICO, CODIRIGIDO POR JULIANA ROJAS E MARCOS DUTRA, SINFONIA DA NECRÓPOLE (2014), TEMOS UMA RUPTURA CLARA NESSES ESTEREÓTIPOS. UMA MULHER QUE TRABALHA NO NECROTÉRIO, É TRATADA COM SENSIBILIDADE E HUMANIDADE. AQUI, O HORROR É LEVE, SIMBÓLICO, E A MULHER NÃO É OBJETO, MAS OBSERVADORA E AGENTE. JAQUELINE É UMA PERSONAGEM CENTRAL E MARCANTE. ELA É UMA MULHER FORTE, COMPETENTE E DECIDIDA, QUE ASSUME UM PAPEL DE LIDERANÇA NUM ESPAÇO TRADICIONALMENTE MASCULINO E SOTURNO. SUA PRESENÇA DESAFIA A PASSIVIDADE E A RIGIDEZ DO SISTEMA BUROCRÁTICO DA MORTE, TRAZENDO RENOVAÇÃO E SENSIBILIDADE. ELA TAMBÉM REPRESENTA UMA RUPTURA COM O ESTIGMA DO FEMININO ASSOCIADO APENAS AO LUTO OU À DOR, MOSTRANDO UMA MULHER QUE ATUA COM AUTONOMIA E EMPATIA MESMO EM UM CENÁRIO MARCADO PELA MORTE. EM 2017, A DUPLA DE DIRETORES VÊM COM O QUEER SOBRENATURAL AS BOAS MANEIRAS, ONDE AS DUAS PROTAGONISTAS FEMININAS (MARJORIE ESTIANO E ISABEL ZUAA) DESENVOLVEM UMA RELAÇÃO ROMÂNTICA EM MEIO A REFLEXÕES SOBRE MATERNIDADE E A ECLOSÃO DE UMA FIGURA FOLCLÓRICA AMEAÇADORA. O HORROR BRASILEIRO ESTÁ MUDANDO E AS MULHERES ESTÃO NO CENTRO, OUTRA FIGURA MARCANTE QUE VIRA A CHAVE DO HORROR BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO É GABRIELA AMARAL ALMEIDA, COM O ANIMAL CORDIAL (2017), NÃO PORQUE REINVENTA O HORROR BRASILEIRO, MAS PORQUE EXPÕE SUA ESPINHA DORSAL E A RECONFIGURA. A DIRETORA LEVA O HORROR PARA DENTRO DE UM RESTAURANTE PAULISTANO E, MAIS IMPORTANTE, PARA DENTRO DA MENTE DE SEUS PERSONAGENS, ESPECIALMENTE DA GARÇONETE SARA, INTERPRETADA POR LUCIANA PAES. A GARÇONETE É O ARQUÉTIPO DESCONSTRUÍDO, ELA COMEÇA COMO SUBMISSA, DÓCIL, “CORDIAL”, MAS, DIANTE DA VIOLÊNCIA E DO CAOS, ELA NÃO APENAS SOBREVIVE, ELA DOMINA. SUA TRANSFORMAÇÃO É INQUIETANTE, NÃO HÁ POSSESSÃO, PACTO OU RITUAL EXTERNO, O MONSTRO ESTÁ DENTRO E É ABSOLUTAMENTE HUMANO. SARA SE TRANSFORMA. NÃO NUMA BRUXA. NÃO NUMA SOBREVIVENTE. MAS NUMA PREDADORA, FRIA, ESTRATÉGICA, LASCIVA. ELA TOMA O CONTROLE DA SITUAÇÃO E DO CORPO DO PATRÃO (MURILO BENÍCIO) COM UMA FORÇA QUASE ANIMAL. GABRIELA CONSTRÓI ESSA VIRADA DE FORMA ORGÂNICA, MOSTRANDO QUE A SELVAGERIA FEMININA NÃO É MONSTRUOSA POR NATUREZA, MAS PELA REPRESSÃO ACUMULADA. O HORROR AQUI NÃO VEM DE FORA, VEM DE DENTRO, DE UMA SOCIEDADE QUE REPRIME TANTO O DESEJO, QUE QUANDO ELE EXPLODE, NÃO SOBRA NINGUEM VIVO



DIRIGIDO POR DENNISON RAMALHO, É UM MARCO IMPORTANTE PARA O TERROR NACIONAL POR DEMONSTRAR QUE O GÊNERO NO BRASIL PODE SER SOFISTICADO, ARTISTICAMENTE RELEVANTE E PROFUNDAMENTE PERTURBADOR, SEM ABRIR MÃO DE SUAS RAÍZES CULTURAIS. O FILME, QUE COMEÇOU COMO UM CURTA-METRAGEM (2014) E FOI EXPANDIDO PARA UM LONGA, COMBINA ELEMENTOS DO FOLCLORE BRASILEIRO COM UM TERROR PSICOLÓGICO E VISCERAL, ELEVANDO O PADRÃO DE PRODUÇÃO E NARRATIVA DO HORROR BRASILEIRO.

PROTAGONIZADO POR DANIEL DE OLIVEIRA (COMO STÊNIO) E FABIULA NASCIMENTO (COMO ODETE), A HISTÓRIA SEGUE UM INVESTIGADOR DE POLÍCIA OBCECADO POR DESVENDAR O MISTÉRIO POR TRÁS DE UMA SÉRIE DE CRIMES BRUTAIS LIGADOS A RITUAIS MACABROS. QUANDO ELE ENCONTRA UMA TESTEMUNHA SILENCIOSA - UMA VÍTIMA MUTILADA QUE SOBREVIVEU -, MERGULHA EM UM PESADELO SOBRENATURAL, ONDE A FRONTEIRA ENTRE A VIDA E A MORTE SE DISSOLVE.

O FILME MISTURA BODY HORROR, ELEMENTOS DE CULTO E UMA ATMOSFERA OPRESSIVA, TUDO PERMEADO POR UMA ESTÉTICA QUE REMETE AO CINEMA DE EXPLORAÇÃO DOS ANOS 1970, MAS COM UM OLHAR CONTEMPORÂNEO E AUTORAL. O FILME NÃO RECORRE A CLICHÊS FOLCLÓRICOS ÓBVIOS (COMO O SACI OU A CUCA), MAS CRIA UMA MITOLOGIA PRÓPRIA, INSPIRADA EM RITUAIS DE MAGIA NEGRA E NO IMAGINÁRIO DO HORROR BRASILEIRO, PROVANDO QUE O TERROR LOCAL PODE SER UNIVERSAL SEM PERDER SUA ESSÊNCIA.

DENNISON RAMALHO HOMENAGEIA O CINEMA DE JOSÉ MOJICA MARINS (ZÉ DO CAIXÃO) E O HORROR EXPLOITATION, MAS COM UMA ABORDAGEM MODERNA, PROVANDO QUE O TERROR BRASILEIRO PODE SER CULT E ART-HOUSE (CASA DE ARTE DE CULTO) AO MESMO TEMPO.

MORTO NÃO FALA PROVA QUE O TERROR BRASILEIRO NÃO PRECISA SER APENAS "EXÓTICO" PARA ESTRANGEIROS. ELE PODE SER ATERRORIZANTE, POÉTICO E PROFUNDAMENTE NACIONAL - UM VERDADEIRO



CIDADE INVISÍVEL

A SÉRIE CIDADE INVISÍVEL, CONCEBIDA POR CARLOS SALDANHA, APRESENTA-SE COMO UMA OBRA QUE ULTRAPASSA OS LIMITES DO ENTRETENIMENTO E MERGULHA, COM SENSIBILIDADE E CRÍTICA IMPLÍCITA, EM QUESTÕES PROFUNDAS DA SOCIEDADE BRASILEIRA. A PARTIR DE UMA NARRATIVA QUE ENTRELAÇA ELEMENTOS DO FOLCLORE NACIONAL COM O SUSPENSE E O HORROR CONTEMPORÂNEO, A PRODUÇÃO REVELA CAMADAS SIMBÓLICAS QUE DIALOGAM COM TEMAS COMO A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL, O APAGAMENTO DE CULTURAS TRADICIONAIS E A MARGINALIZAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS HISTORICAMENTE SILENCIADOS.

AS CRÍTICAS SOCIAIS SÃO ARTICULADAS DE MANEIRA SUTIL, PORÉM INCISIVA. O “INVISÍVEL” DO TÍTULO NÃO SE REFERE APENAS ÀS ENTIDADES MÍSTICAS DA FLORESTA, COMO A ÇUCA, O CURUPIRA E A IARA, MAS TAMBÉM A UM BRASIL OCULTO, NEGLIGENCIADO PELAS ESTRUTURAS DE PODER. DESSA FORMA, A SÉRIE AMPLIA AS POSSIBILIDADES DO CINEMA DE HORROR BRASILEIRO, AO CONECTAR O SOBRENATURAL COM DILEMAS SOCIAIS ENRAIZADOS NA HISTÓRIA NACIONAL. TRATA-SE DE UM HORROR ORGÂNICO, QUE NASCE DA TERRA, DA ÁGUA, DAS FLORESTAS E SOBRETUDO, DA MEMÓRIA COLETIVA. O FOLCLORE, ENQUANTO ARCABOUÇO NARRATIVO, É RESGATADO COM VIGOR E RESPEITO. SUAS LENDAS, REPLETAS DE AMBIGUIDADE MORAL, METAMORFOSES E ENSINAMENTOS, NÃO SÃO APENAS CONTOS PARA AMEDRONTAR, MAS MECANISMOS DE TRANSMISSÃO DE SABERES E VALORES ANCESTRAIS. A PRESENÇA DO FANTÁSTICO NO COTIDIANO REAFIRMA A IMPORTÂNCIA DESSAS NARRATIVAS COMO PATRIMÔNIOS IMATERIAIS DO POVO BRASILEIRO. CABE RESSALTAR QUE, MUITO ANTES DO SURGIMENTO DO CINEMA E MESMO DA CONSOLIDAÇÃO DA LITERATURA FICCIONAL COMO CONHECEMOS HOJE, O TERRITÓRIO BRASILEIRO JÁ ERA PALCO DE HISTÓRIAS DE TERROR E ENCANTAMENTO. DURANTE A GRANDE INVASÃO INICIADA EM 1500, MISSIONÁRIOS JESUÍTAS DEPARARAM-SE COM AS CRENÇAS DOS POVOS INDÍGENAS, CONSIDERADAS POR MUITOS COLONIZADORES COMO MANIFESTAÇÕES DEMONÍACAS. AS LENDAS ORAIS QUE SOBREVIVERAM ÀS VIOLÊNCIAS DO TEMPO E DA HISTÓRIA CONTADAS ENTRE ALDEIAS, SENZALAS E SERTÕES FORAM TAMBÉM FORMAS DE RESISTÊNCIA CULTURAL, EXPRESSÃO DE MEDOS COLETIVOS E REAFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA DIANTE DAS PRESSÕES DE ACULTURAÇÃO. NESSE SENTIDO, CIDADE INVISÍVEL NÃO É APENAS UMA SÉRIE TELEVISIVA; É UM ELO ENTRE O PASSADO MÍTICO E O PRESENTE URBANO, ENTRE O HORROR SIMBÓLICO E A CRÍTICA SOCIAL, CONSOLIDANDO-SE COMO UM MARCO RELEVANTE NA PAISAGEM AUDIOVISUAL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.

BIBLIOGRAFIA

CÂNEPA, LAURA LOGUERCIO. MEDO DE QUÊ? UMA HISTÓRIA DO HORROR NOS FILMES BRASILEIROS. 2008. TESE (DOCTORADO EM MULTIMEIOS) - INSTITUTO DE ARTES, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS, 2008.

CASTRO, LEONARDO. A BELEZA DO CINEMA DE HORROR BRASILEIRO É NÃO SE PREOCUPAR EM IMITAR. REVISTA GALILEU, 17 OUT. 2019. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTAGALILEU.GLOBO.COM/CULTURA/NOTICIA/2019/10/BELEZA-DO-CINEMA-DE-HORROR-BRASILEIRO-E-NAO-SE-PREOCUPAR-EM-IMITAR.HTML](https://revistagalileu.globo.com/cultura/noticia/2019/10/BELEZA-DO-CINEMA-DE-HORROR-BRASILEIRO-E-NAO-SE-PREOCUPAR-EM-IMITAR.HTML).

SALDANHA, BEATRIZ. MULHERES MONSTRUOSAS: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO CINEMA DE HORROR BRASILEIRO. CADERNOS PAGU, CAMPINAS, N. 53, P. 1-27, 2018. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.SBU.UNICAMP.BR/INDEX.PHP/CADPAGU/ARTICLE/](https://periodicos.sbu.unicamp.br/index.php/cadpagu/article/)

DIB, ANDRÉ. O HORROR CONTEMPORÂNEO E A POLÍTICA DO AFETO. REVISTA CINÉTICA, 2019. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTACINETICA.COM.BR/HORROR-AFETO](https://revistacinetica.com.br/horror-afeto).

MANGUE NEGRO, 15 ANOS DE UM CLÁSSICO. YOUTUBE, 1 OUT. 2023. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RSY57E6QZPA](https://www.youtube.com/watch?v=RSY57E6QZPA). ACESSO EM: 12 JUN. 2025.

MACDONALD, SCOTT. TOWARD AN ECOCINEMA. IN: IVAKHIV, ADRIAN ET AL. (EDS.). FRAMING THE WORLD: EXPLORATIONS IN ECOCRITICISM AND FILM. UNIVERSITY OF VIRGINIA PRESS, RAMOS, FERNÃO PESSOA. CINEMA MARGINAL (1968/1973): A REPRESENTAÇÃO EM SEU LIMITE. SÃO PAULO: BRASILIENSE; EMBRAFILME/MINISTÉRIO DA CULTURA, 1987. 156P.

FURUTANI, GUILHERME DE OLIVEIRA. ÀQUILO QUE UM DIA FOI E CONTINUA A SER: CINEMA MALDITO (UM OLHAR SOBRE O CINEMA DE TERROR BRASILEIRO). 1. ED. MARIANA: INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, 2019. 45 F. MONOGRAFIA (GRADUAÇÃO EM JORNALISMO).

EMMANUEL, PEDRO. SHOCK! DIVERSÃO DIABÓLICA (1984). BOCA DO INFERNO, 1 MAR. 2022. DISPONÍVEL EM: [BOCADOINFERNO.COM.BR/CRITICAS/SHOCK-DIVERSAO-DIABOLICA/](https://boCADoINFERNO.COM.BR/CRITICAS/SHOCK-DIVERSAO-DIABOLICA/)

PRIMATI, CARLOS. 3 FILMES PARA DESBRAVAR O HORROR NO CINEMA BRASILEIRO. [HTTPS://PORTAL.SESCSP.ORG.BR/ONLINE/ARTIGO/10173_13+FILMES+PARA+DESBRAVAR+O+HORROR+NO+CINEMA+BRASILEIRO](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/10173_13+FILMES+PARA+DESBRAVAR+O+HORROR+NO+CINEMA+BRASILEIRO). ACESSO EM: 25 JUN. 2025.

SILVA, MARIA LUIZA CORREA DA. O HORROR BRASILEIRO É FEMININO: O CINEMA DE MEDO DE GABRIELA AMARAL ALMEIDA. 2020. 94 F. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL) - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI, 2020

MORTO NÃO FALA : DIREÇÃO DE DENNISON RAMANHO, 2018 BRASIL, (1H 50MIN), FILME DE TERROR E MISTÉRIO. DISPONÍVEL : [HTTPS://M.YOUTUBE.COM/WATCH](https://m.youtube.com/watch).

CIDADE INVISÍVEL. DIRIGIDA POR CARLOS SALDANHA. NETFLIX, 2 TEMPORADAS (2021-2023). DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.NETFLIX.COM/BR/TITLE/80217517](https://www.netflix.com/br/title/80217517).

À MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA. DIREÇÃO: JOSÉ MOJICA MARINS. BRASIL: ATLAS FILMES, 1964. 1 FILME (106 MIN), PRETO E BRANCO, SONORO.

EXCITAÇÃO. DIREÇÃO: JEAN GARRETT. BRASIL: BRASECRAN, 1976. 1 FILME (90 MIN), COR, SONORO.

SINFONIA DA NECRÓPOLE. DIREÇÃO: JULIANA ROJAS. BRASIL: DEZENOVE SOM E IMAGENS, 2014. 1 FILME (90 MIN), COR, SONORO.



O ANIMAL CORDIAL. DIREÇÃO: GABRIELA AMARAL ALMEIDA. BRASIL: DEZENOVE SOM E IMAGENS, 2017. 1 FILME (98 MIN), COR, SONORO. EXCITAÇÃO. DIREÇÃO: JEAN GARRETT. BRASIL: BRASECRAN, 1976. 1 FILME (90 MIN), COR, SONORO.

SHOCK: DIVERSÃO DIABÓLICA. DIREÇÃO: FAUZI MANSUR. BRASIL: EVEREST VÍDEO, 1984. 1 FILME (90 MIN), COR, SONORO

MANGUE NEGRO. DIREÇÃO: RODRIGO ARAGÃO. [S.L.] FÁBULAS NEGRAS PRODUÇÕES, 2008. 1 FILME (105 MIN), SONORO, COLORIDO.

RITUAL DA MORTE. DIREÇÃO: FAUZI MANSUR. BRASIL: VIDEOBAN, 1991. 1 FILME (85 MIN), COR, SONORO





ERLON GUILBERT
ISABEL EVANGELISTA DA SILVA
LUIS GUILHERME BAETA
NEY CARDOSO
PEDRO ADVÍNCULA GONÇALVES
VITÓRIA MARIA MACHADO ALVARENGA

